

REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE EM *“A FILHA ÚNICA DO FILHO MAIS VELHO”* E *“SÓ BONDADÃO”*.

Luciano Lage Feitosa Filho (UNIABEU)

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é abordar, ainda que brevemente, as representações da identidade em dois contos: *“A filha única do filho mais velho”*, de Eliane Ganem, e *“Só bondadão”*, de Jhumpa Lahiri. Para tanto, partir-se-á do instrumental dos Estudos Culturais, da concepção de identidade segundo Stuart Hall, do conceito de *“comunidade imaginada”*, de Benedict Andersen, e da ideia de identidade híbrida, segundo Homi Bhaba. Pretende-se, assim, provar que, na literatura contemporânea, há uma vertente literária que busca representar os diferentes modos de aculturação nos processos migratórios e que, na maioria das vezes, há o predomínio da identidade híbrida.

Palavras-chave: Identidade; migração; aculturação

1. INTRODUÇÃO

A identidade cultural compreende um conjunto de relações sociais e um patrimônio simbólico compartilhado historicamente por um grupo de indivíduos. Por muito tempo, as questões de identidade foram discutidas em termos de um vínculo territorial subliminar ao conceito de nação, que se consolidou na era moderna. Com as grandes revoluções que estouraram por toda Europa durante o séc. XVIII e, principalmente, após a grande Revolução Científica, também conhecida como o movimento Iluminista, surgiu a ideia do estado-nação. O nacionalismo serviu como princípio para formação de uma identidade coletiva que constituiu a base político-ideológica da integração e unificação dos agrupamentos humanos. Tendo por base traços que definiam a pertença, como, por exemplo, o território e o idioma, com ele surgiu também o binarismo eu/outro que por muito tempo definiu as relações sociais.

A identidade forjada pelo calor do iluminismo conferia ao indivíduo um caráter racionalista. Acreditava-se que o sujeito nascia com uma identidade que não mudaria jamais ao longo da sua vida independentemente da experiência individual: era uma concepção individualista de sujeito e de identidade (HALL, 1994, p.11).

Durkheim, em sua teoria sociológica, vai expor o essencial para que se entenda a diferença entre uma segunda concepção de identidade e a primeira acima citada. Para Durkheim (TOSI, 2005, p. 24 e 25), cada indivíduo é formado por dois núcleos que se adaptam e fazem com que esse sujeito evolua: a representação individual e a coletiva,

onde todos estão agrupados em um único ser social.

De acordo com a noção de identidade do sujeito sociológico, acreditava-se que o homem era altamente influenciado pelo mundo social, ou seja, era formado por meio dos seus relacionamentos interpessoais. Desta forma, as pessoas que o cercavam se tornavam mediadores culturais.

Alberto Tosi, sociólogo contemporâneo, ainda falando sobre a teoria Durkheimiana, vai dizer que:

[...]se destacarmos um único indivíduo da sociedade onde ele vive e o levarmos para outra sociedade ou mesmo para uma ilha deserta ele levará um pouco da sociedade consigo dentro de sua cabeça. (...) Portanto, não apenas o indivíduo faz parte da sociedade; uma parte da sociedade faz parte dele. Ao mesmo tempo, por outro lado a sociedade só existe em sua plenitude se tomarmos um conjunto, porque ela não cabe toda, completa, na cabeça de cada um. (TOSI, 2005, p. 24 e 25)

Essa concepção agregava mais valor à questão da identidade por associá-la a uma estrutura maior: a sociedade.

No século XX, surgiu uma nova visão, que concebia essa identidade como algo em constante mudança, vinculando-a ao sujeito pós-moderno. A mobilidade humana através do globo após a Segunda Guerra mundial, associada à independência de ex-colônias de países europeus, propiciou encontros interculturais que se tornaram emblemáticos das novas configurações identitárias que caracterizam o mundo globalizado.

Esse deslocamento de indivíduos, tanto de seu lugar quanto de sua cultura, ou seja, dos hábitos, dos costumes, do idioma falado e do sentimento de pertença, constituiu parte da grande crise identitária da contemporaneidade. Como observa Mercer (1990, p. 43): a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.

A identidade do sujeito pós-moderno se torna, assim, provisória e cambiante, permitindo o surgimento de uma identidade mutável. O processo de identificação, neste caso, mostra-se mais confuso, pois sempre acontece num entre-lugar, um terceiro espaço, ou seja, sedimenta-se no intervalo entre uma cultura e outra. Homi Bhabha, falando sobre o desenvolvimento deste processo vai dizer que:

Essas identidades binárias, bipartidas, funcionam em uma espécie de reflexo [...] Para a identificação, a identidade nunca é um a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade. (BHABHA, 1998, p 85)

Esse processo resulta na concepção de identidade que será tratada neste trabalho: a identidade híbrida. Para Bhabha (2000),

A hibridização não é algo que apenas existe por aí, não é algo a ser encontrado num objeto ou em alguma identidade mítica -híbrida-; trata-se de um modo de conhecimento, um processo para entender ou perceber o movimento de trânsito ou de transição ambíguo e tenso que necessariamente acompanha qualquer tipo de transformação social sem a promessa de clausura celebratória, sem a transcendência das condições complexas, conflitantes, que acompanham o ato de tradução cultural.

Bhabha defende um novo conceito de cultura, transnacional ó gerando o trânsito de experiências entre nações - e tradutório ó criando novos significados para símbolos culturais, uma vez que, para ele, culturas são construções e as tradições, invenções, que quando em contato, criam novas construções desterritorializadas.

Este texto busca demonstrar e comparar como acontece a formação desta identidade, através dos contos: õSó bondadeö, da escritora premiada Jhumpa Lahiri publicado no livro **Terra Descansada**, em 2009, e; õA filha única do filho mais velhoö da escritora Eliane Ganem, publicado no livro **Primos**, organizado pelas escritoras Adriana Armony e Tatiana Salem Levy, em 2010.

O trabalho no primeiro momento abordará as questões do hibridismo cultural sob os pontos de vista de Homi bhabha (1998) e Stuart Hall (2006- 2011), a fim de classificar e elucidar três representações de identidade híbrida, e, por fim, serão traçadas as considerações finais, de maneira a comparar esses modelos.

1. O hibridismo cultural e suas representações

A identidade híbrida resulta do encontro e das trocas entre culturas. No entanto, nem todo encontro intercultural resulta no hibridismo. Na tentativa de explicar a natureza desses encontros, foram estruturados alguns modelos de aculturação que se configuram em duas correntes principais: uma unidirecional, mais antiga e convencional, em que o migrante deve abrir mão da sua própria cultura, hábitos, idioma, para adotar a cultura apresentada pela sociedade local, por esta ser dominante; e a outra, bidimensional, em que as possíveis relações entre uma cultura majoritária e uma minoritária são analisadas. Conforme afirma Shirley Carreira (2004, p.1):

[...] a segunda, ou modelo bidimensional, analisa a integração desse indivíduo com o novo grupo étnico e aponta para quatro orientações possíveis: integrativa, quando o ele mantém os valores étnicos originais, e boas relações com o grupo majoritário; de separação, quando o indivíduo opta por manter seus valores étnicos, sem procurar estabelecer relações favoráveis com a comunidade dominante, de assimilação, que implica o abandono da própria identidade cultural e favos da comunidade dominante; e de marginalização quando há a perda total da identidade cultural e a ausência de integração com a comunidade.

Observa-se na citação acima que, em todos os aspectos, a formação da identidade de alguém está sempre ligada à sensação de pertencer ou não à õnova terraö (ênfase minha).

A õmiscigenaçãoö de culturas é muito mais latente na segunda geração de migrantes, pois na primeira geração há sempre certa dificuldade ou relutância na aderência de uma nova cultura. Na tentativa de trazer a sua terra- natal- *motherland*- para o local onde se está vivendo, o migrante tenta recriar memórias do passado, almeja o convívio com conterrâneos- pela necessidade de viver em conjunto e, além disso, busca perpetuar a herança através de pequenas/ grandes coisas: canções de ninar, contos e fábulas contadas às crianças e, principalmente, a manutenção do idioma natalício nas relações domiciliares.

A transculturação ocorre, no entanto, em função da necessidade de integrar-se a

uma nova terra. Através dela surge certamente uma nova humanidade citada por Ganem, em **Primos** (GANEM, 2010, p 252). Cidadãos que não se sentem presos a um único lugar, mas que transitam bem entre duas culturas ou mais: cosmopolitas, isto é, cidadãos do mundo.

Para demonstrar as representações no processo de formação da identidade híbrida, três personagens serão focalizadas: duas compostas por Jhumpa Lahiri no conto *Ó só bondade* e uma no texto de Eliane Ganem.

1.1. Os modelos de aculturação e a representação do imigrante em *Ó só bondade* e *A filha única do filho mais velho*

Shuda, personagem principal do conto *Ó só bondade*, se apresenta como uma grande estudiosa, zelosa por seu irmão mais novo, controlada e eficaz. Competência: era esse o traço que no fundo a definia (LAHIRI, 2009, p 151). Filha de bengaleses, nascida na Inglaterra e imigrante em Massachusetts, a protagonista é uma jovem de rosto redondo e traços tipicamente indianos.

Ao longo do conto, ela se mostra altamente propensa à influência e é altamente suscetível às vontades do irmão (LAHIRI, 2009 p, 154- 5), o que demonstra uma necessidade de agradar as pessoas ao seu redor.

No processo de construção da identidade desta personagem, observa-se o embate entre três culturas: uma herança indiana tradicional, um nascimento e o período inicial da infância na Inglaterra e uma mudança para os Estados Unidos. Se em um processo migratório Salman Rushdie diz que: *“um migrante, (...), sofre uma tripla ruptura: ele perde o seu lugar, adota uma língua estrangeira, e se vê cercado de pessoas cujo comportamento e códigos sociais são muito diversos dos seus...”* (RUSHDIE, 1991, p 277-8 *apud* CARREIRA 2004, p 2), o que dizer então de um duplo processo migratório?

A princípio, Shuda via sua própria trajetória como algo divino e fantástico: *“[...] essa história era como o episódio de um mito grego ou da Bíblia, cheia de bênçãos e sinais proféticos”* (LAHIRI, 2009, p 158). Entretanto, ao começar a observar as coisas de forma mais atenta, começa a refletir sobre o estilo de vida que a família levava em Londres e nos Estados Unidos. E é nesse momento que o fluxo de memórias surge, fazendo com que ela crie um apreço pela Inglaterra: *“Aquela era uma época, imaginava Shuda, em que a imigração ainda era uma aventura”* (LAHIRI, 2009, p 161).

Nos processos de formação identitários nota-se, muitas vezes, uma assimilação por necessidade de integração ou simplesmente para viabilizar o esquecimento de um passado atormentador e, até mesmo, para obter a sensação de liberdade. A personagem busca em sua nova situação de vida um sistema que a faça esquecer-se do passado e ao mesmo tempo a livre do peso que a todo o momento o narrador mostra estar sobre ela, a sua herança cultural: *“mas sentia-se também livre, pela primeira vez na vida, do peso de sua família.”* (LAHIRI, 2009, p 168).

A fuga do seu lugar antropológico configura, também, um abandono de sua própria história, o que acaba por causar-lhe um impacto psicológico, que se revela por meio do sentimento de culpa. Embora esse sentimento seja comum nos migrantes que resolvem abandonar parte tão importante na configuração de sua identidade- o seu passado, a necessidade de ser aceito por essa nova comunidade se torna seu maior propósito. Como já foi mencionado, Shuda encontrava, em si, uma necessidade de ser benquista pelas pessoas que a cercavam, e como jamais alcançara isso dentro de seu lar buscava essa aceitação em uma nova cultura.

A assimilação cultural nesse caso em específico se dá por uma escolha da

própria personagem, que resolve abrir mão tanto dos costumes hindus quanto dos hábitos típicos do norte-americano, para viver um estilo de vida tipicamente inglês. Shuda, segundo o narrador ãexperimentou uma conexão instintiva com Londres, uma sensação de pertencimentoö (2009 p, 168) apesar de todo o trânsito cultural pelo qual já havia passado, isto é, a protagonista opta por se adaptar a nova cultura, se permitindo ser assimilada por ela.

Assim, decide casar-se e continuar sua vida ao lado de um indiano, também assimilado como ela, numa nova/ velha terra.

Outra personagem digna de nota é Rahul; irmão mais novo de Shuda, nascido em Boston nos Estados Unidos, que surge como personagem secundária em meio a uma família que está se acomodando na nova terra- os Estados Unidos da América.

Rahul, desde o início do conto, aparece sempre cercado de atenção e grande parte deste afeto lhe era oferecido pela irmã que, antes mesmo de o seu nascimento, providenciara para que o irmão mais novo fosse muitíssimo amado: ãPor fim com a chegada de Rahul (...). Ela se lembrava de como havia ficado animada, afastando as próprias coisas para o lado e abrindo espaço no quarto para o moisés,...ö (LAHIRI,2009 p 157).

Rahul, apesar de ter a mesma filiação de Shuda, nascera com traços muito diferentes; fino e distinto, no que diz respeito à aparência, porém, um adolescente muito complexo, um jovem totalmente aturdido em meio ao vício na bebida alcoólica e um homem que tenta se reinventar e resgatar suas raízes, mas que infelizmente não consegue. O peso da expectativa dos pais em relação ao seu futuro torna-se algo difícil de administrar.

Ele se transformara naquilo que todos os pais temiam, um desastre, alguém que não contribuía para o grande círculo de sucessos que os filhos de bengaleses conseguiam em todo o país, como cirurgiões, advogados ou cientistas, ou escrevendo artigos para a primeira página do New York Times. (LAHIRI,2009 p 175)

A reconfiguração da identidade nos processos migratórios apresenta três momentos distintos: o inicial, que compreende os primeiros contatos com a nova cultura e o estranhamento; o intermediário, que, como já diz o nome, é o meio do caminho para que se desenvolva um modelo cultural em busca desta identidade; e por fim, o resultado final, que deveria se mostrar com uma identidade já formada.

Entretanto, em relação ao resultado final, há uma discrepância, tendo-se em vista que as identidades, hoje, se mostram em constante mutação. Hall afirma que: ã(...) nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação culturalö (HALL, 2011, p 43).

Voltando à personagem Rahul, pode-se observar que este intervalo no processo de formação é um momento de suma importância para que o indivíduo conheça e reconheça a si mesmo, como pessoa cultural, e entenda a comunidade que está ao seu redor. Rahul, pelo efeito da bebida, desenvolve uma série de costumes que prejudicam a sua sedimentação cultural enquanto ser híbrido.

Com o desenrolar da história, o narrador deixa claro que a personagem, devido à dificuldade em preencher as expectativas paternas, e por causa da dependência alcoólica, desenvolve uma série de comportamentos que demonstram desequilíbrio. Podem-se observar traços de agressividade, o uso de palavras de baixo calão, além de um comportamento depressivo.

A depressão, no caso da personagem, parece derivar do excesso de cobrança por parte dos pais. Não se sabe exatamente o porquê, mas pais migrantes cobram

excessivamente de seus filhos, principalmente no que diz respeito a estudos e carreira acadêmica/ profissional, tanto que em quase toda obra de Jhumpa Lahiri grande parte dos indianos apresentados são doutores. Após ser cobrado pelos pais e a irmã sobre suas notas e o abandono de algumas disciplinas na faculdade, Rahul se isola, abandonando a vida familiar e social.

Em consequência de todo esse processo, observa-se, enfim, que a personagem falha completamente na sua tentativa de se integrar socialmente. Após se embriagar Rahul deixa o sobrinho, ainda bebê, dentro de uma banheira, sozinho, correndo um sério risco de se afogar. Por fim, a própria personagem revolta-se consigo mesma, observando o seu próprio fracasso como pessoa: “Ele se virou de costas para ela. Pressionou a cabeça em um dos armários, virando-a de leve de um lado para o outro, praguendo consigo mesmo entre os dentes.” (LAHIRI, 2009, p, 200). Em suma, Rahul representa o imigrante marginalizado, incapaz de adequar-se ao meio cultural em que se insere, por um lado pela falta de coragem de assumir uma identidade assimilada, por outro, por não conseguir adequar-se ao modelo cultural familiar.

Já no texto de Ganem, podemos observar uma personagem sem nome que apresenta um processo híbrido perfeito. O que é uma grande ironia, tendo-se em vista que, em geral, personagens sem nome são caracterizados pela ausência de identidade ou processos deslizantes no que diz respeito à formação identitária.

No texto “A filha única do filho mais velho”, a autora narra um episódio de morte, marcado por uma sucessão de lembranças e um grande conflito psicológico, vivido pela protagonista. Após a morte de seu pai, a protagonista anônima se vê de volta ao passado e trava um confronto com sua cultura, o que, para Hall, seria impossível não acontecer numa identidade híbrida: “Esse resultado híbrido não pode mais ser facilmente desagregado em seus elementos ‘autênticos’ de origem.” (HALL 2011, p 31). E é assim que ela rememora a sua presença em um universo cultural que, naturalmente, a desloca por ser mulher, por não poder dar continuidade ao clã, uma rejeição que fora suplantada pelo amor:

Com a morte do meu pai, com a morte do meu avô, ficamos sem o chão da intenção desapegada, sem a proteção das mãos do ancião que depositavam em mim o seu amor, pois mesmo sendo menina, mesmo não sendo o varão que todos esperavam, mesmo sem ser a continuação do clã, por ser mulher, a filha única do filho mais velho, havia em torno do meu estar no mundo uma promessa. (GANEM, 2010, p. 244)

Se por um lado recebera o amor do pai e do avô, por outro enfrentara a rejeição do clã, que nela só via a absoluta incapacidade de continuidade. Relembra, em sua dor, os dias em que “os adultos estalavam o chicote de suas línguas ferinas no rosto um do outro”, mas também os momentos de confraternização em torno da mesa farta, crianças em torno, adultos felizes. No meio desse turbilhão, a personagem consegue perceber que fora obrigada a transitar entre duas culturas, a árabe e a brasileira, e que a sua identidade é fruto desse encontro intercultural.

O conto, totalmente narrado em primeira pessoa, traz uma carga emocional quase tangível. A narrativa busca envolver o leitor na cultura árabe, fazer com que ele entenda a importância, para os árabes, de se ter um filho homem, parte dos rituais pelos quais eles têm que passar e a grande dificuldade que a personagem encontra em relação a sua cultura original, que, ainda assim, em nenhum momento renega. Muito pelo contrário, há em suas lembranças uma relação saudosa com a herança cultural, de

respeito. A protagonista é um exemplo de identidade integrativa.

Segundo Shirley Carreira, a identidade integrativa ocorre a partir do momento em que o imigrante mantém os valores étnicos originais, e boas relações com o grupo majoritário (CARREIRA, 2004, p 2). As reflexões suscitadas pela morte do pai fazem com que a protagonista consiga sedimentar a sua identidade híbrida ao ponto de dizer que finalmente me livro das anomalias do meu espírito, comungo agora a integração das minhas partes, tal qual o universo se refaz a cada explosão. (GANEM, 2010, p 251).

Por fim, pode-se dizer que a morte do pai funciona como um rito de passagem, do qual nasce uma nova concepção identitária e, além disso, um novo ideal de família:

[...] me aconcheguei no seio da minha família planetária e olhei a todos (...) cada um com a sua beleza, a sua delicadeza, a sua história de vida, os seus ancestrais de variadas raças, o que eles tinham dentro de si que seria a continuidade, e me senti desprendida, aliviada da carga excessiva, mais sutil, mais entregue, mais confiante. Me senti mesclada com algo em construção, certamente uma nova humanidade[...] (GANEM 2010, p 251-2).

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou demonstrar que o hibridismo cultural, ou seja, aglutinação de duas culturas tem sido a forma mais frequente de aculturação e, por conseguinte, a mais constante nas representações de identidade do imigrante na literatura contemporânea, muito embora esta não se prive de representar, ainda que em menor escala, outras formas de interação, ou mesmo de ausência dela, no contexto das migrações.

Buscou-se, ainda, refletir sobre a natureza dos espaços intersticiais onde as identidades híbridas se alocam no texto literário, dada a necessidade de historicizar e contextualizar a enunciação, isto é, no caso dos contos referenciados, o contexto da imigração.

Por fim, mostrou-se que a tendência no mundo globalizado é a hibridez, a mesclagem de culturas que faz do homem contemporâneo um ser cosmopolita, cidadão do universo.

A literatura, conforme demonstrado, é um espaço de inscrição e representação dessas identidades, na medida em que, ao difundir os elementos da herança cultural, transforma-se também em local de memória, isto é, no lugar onde essa memória é continuamente reconfigurada e transmitida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. P. 113-133.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Tradução Eliana L.L. Reis, Gláucia R.Gonçalves e Myriam Ávila. Belo Horizonte; Editora da UFMG, 1998.

_____. *Minority Culture and Creative Anxiety*, disponível em:
http://www.britishcouncil.org/studies/reinventing_britain/bhabha
 Acesso em janeiro de 2000.

CARREIRA, Shirley de S, G. **Vestígios da transculturação em Shame, de Salman Rushdie**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. V 3 (11), UNIGRANRIO, 2004.

Disponível em:

<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/iew/463/454>

GANEM, Eliane. A filha única do filho mais velho. In: ARMONY, A; LEVY, T, S. **Primos: histórias da herança árabe e judaica**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

LAHIRI, J. **Terra descansada**. Tradução: Fernanda Abreu, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MERCER, K. **Welcome to the jungle**. In Rutherford, J. (org). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

RODRIGUES, A, T. **Sociologia da educação**. 5 ed. Rio de Janeiro: DP &A, 2005.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In:

REPRESENTATIONS OF IDENTITY IN "THE ONLY DAUGHTER OF OLDEST SON" AND "ONLY KINDNESS"

ABSTRACT:

The aim of this work is to address, albeit briefly, the representations of identity in two tales: "The only daughter of the eldest son," by Eliane Ganem, and "Only Goodness" by Jhumpa Lahiri. In order to do it, it will deal with the theoretical apparatus of Cultural Studies, the concept of identity according to Stuart Hall, Benedict Anderson's definition of "imagined community" , as well as the idea of hybrid identity, according to Homi Bhaba. Therefore, the work aims to prove that, in contemporary literature, there is a literary strand that seeks to represent the different modes of acculturation in migration processes and that, in most cases, there is a predominance of hybrid identity.

Keywords: Identity, migration, acculturation